

Perspectivas jornalísticas: análise da cobertura de desastres naturais pela mídia regional e nacional.¹

Erick Sales²
Michel Barati³
Leandro Figueredo⁴
Renan Mota⁵

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

À medida que os eventos climáticos extremos se tornam cada vez mais intensos e recorrentes, devastando e alterando o ecossistema social de comunidades em todo o território brasileiro, a cobertura dessas ocorrências nos principais veículos jornalísticos do país toma diferentes contornos a depender da abordagem pela qual o evento é tratado. Assim, esse artigo pretende realizar uma investigação via metodologia de análise comparativa, entendendo os pontos de convergência e divergência na cobertura jornalística ambiental dos jornais Folha de S.Paulo e Diário do Grande ABC desde 2015, quando estabeleceu-se o Acordo de Paris, até os dias atuais.

Palavras-Chave: Deslocamento forçado; Jornalismo Ambiental; Jornalismo; Mudança Climática; Media interventions.

INTRODUÇÃO

Deslizamentos, alagamentos, incêndios florestais, tempestades intensas, ondas de calor e grandes períodos de seca: os desastres climáticos vêm, ano após ano, ocupando um espaço cada vez maior entre as pautas de veículos jornalísticos em todo o mundo - e o Brasil não é exceção.

Fato é que, desde 2015, quando lançou-se luz sobre o tema com a assinatura do Acordo de Paris - um tratado ambicioso que visa reduzir a velocidade do aquecimento global,

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UMESp, e-mail: ericksalesv@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UMESp, e-mail: baratimichel@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UMESp, e-mail: Leandrofswx@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UMESp, e-mail: renanmotavieira@hotmail.com

contando com a assinatura de 196 países signatários da Organização das Nações Unidas (ONU) - a discussão sobre as causas, consequências e o desenvolvimento de políticas públicas ao redor desses desastres ambientais já acumulam milhares de manchetes e reportagens nas capas de todos os jornais brasileiros.

Esse protagonismo noticioso, que no Brasil compete apenas com a polvorosa editoria política, se estende para muito além dos efeitos imediatos de cada ocorrência, entendendo que para cada um desses eventos, dezenas de pessoas possuem as suas vidas impactadas, precisando se deslocar para novas comunidades, reconstruir casas, recuperar bens e, por muitas vezes, reivindicar seus direitos básicos de moradia e dignidade às autoridades públicas.

O componente político que nasce das vítimas dessas intempéries também vira pauta, pois, apesar das grandes tempestades e deslizamentos não discriminarem classe social, a configuração de fragilidade urbana e marginalização da população pobre brasileira os relega a uma posição de maior vulnerabilidade, vivendo em espaços densamente populados e sem sistemas de escoamento que possibilitem a integridade do solo - o que aumenta a probabilidade da ocorrência de deslizamentos ou enchentes.

É com todo esse cenário de progressiva cobertura e escuta ativa das atividades climáticas que entendemos a necessidade de analisar e compreender os padrões de práticas jornalísticas adotadas pelos veículos de comunicação nacionais no acompanhamento desses eventos, compreendendo, também, que é por meio do contato com esses conteúdos midiáticos que a população geral brasileira se informa, construindo suas próprias noções e interpretações sobre os eventos e as próprias concepções do que é mudança climática.

Assim, para entender as diferentes práticas empregadas pela mídia brasileira, selecionamos dois objetos de estudo principais, para que analisemos as matérias diretamente relacionadas a eventos climáticos extremos - e não os previsíveis e condicionantes, como as correntes atmosféricas La Niña ou El Niño. O primeiro veículo é o jornal Folha de S.Paulo que, por figurar entre os maiores portais noticiosos do país, dialogar com leitores de todas as unidades federativas brasileiras e possuir um enorme volume de conteúdo publicado diariamente, se faz adequado para que compreendamos como a grande mídia se angula ao reportar essas ocorrências.

O segundo veículo selecionado é o jornal regional Diário do Grande ABC, hoje um dos maiores portais de comunicação local do país. Essa plataforma, por noticiar e dialogar apenas com o público que forma as sete cidades paulistas do Grande ABC (São Bernardo do Campo, Santo André, Diadema, São Caetano do Sul, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra), possui abertura para que se realizem coberturas mais intimistas e continuadas, uma vez que a região conta com comunidades amplamente conhecidas por serem palcos de desastres naturais, como o bairro do Pantanal, em Diadema e, especialmente, a comunidade do Montanhão, em São Bernardo do Campo, um território de vulnerabilidade com grande atividade político-social, com o qual possuímos contato constante nos projetos de extensão da Universidade Metodista de São Paulo.

Assim, ao mapear e entender as práticas em voga para veículos de comunicação de diferentes tamanhos e públicos, podemos aferir os pontos que distanciam e aproximam o público desses eventos, tal como o acompanhamento que a imprensa brasileira dá às pessoas e aos territórios impactados após o fato - desse modo, é possível estruturar novas diretrizes e recomendações para a cobertura de desastres climáticos, avançando para uma comunicação ainda mais factível e humanizada, que retrate fidedignamente os impactos imediatos e contínuos dessas tragédias, colocando as pessoas diretamente afetadas no centro da notícia e conscientizando o público por diferentes ângulos sobre a temática.

REFERÊNCIAS

JOAN MARTÍNEZ ALIER. O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

CEMADEN EDUCAÇÃO — Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. Cartografia social: espacializando os riscos socioambientais. Programa Cemaden Educação. Disponível em: <http://educacao.cemaden.gov.br/site/activity/NDAwMDAwMDAwMzk=>. Acesso em: 01 abril. 2023



REGINATO, Gisele. AS FINALIDADES DO JORNALISMO: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. 2016. Tese (Doutorado em comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

HOLANDA, Juliana. Jornalismo Ambiental: características e interfaces de um campo em construção. Artigo - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

VIANA, N. A crise do jornalismo industrial e os novos modelos de produção. Margem Esquerda – ensaios marxistas, n. 20, 2013, p. 29-34. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

SCHMIDT, A.; IVANOVA, A.; SCHAEFER, M. S. Media attention for climate change around the world: a comparative analysis of newspaper coverage in 27 countries. Global Environmental Change-Human and Policy Dimensions, v. 23, n. 5, p. 1233-1248, 2013.

JUNCKLAUS, Heloisa. Informação e Espetáculo: análise dos gêneros jornalísticos exibidos no programa Fantástico. Vozes e Diálogo, Itajaí, p. 7-13, 1 jan. 2012.